

Histórias do pai da História

- Leitor fluente – 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Tom Nóbrega

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor
que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP e já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados no Brasil (além de vários no exterior), entre eles *Até as princesas soltam pum* (Editora Moderna, 2023), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: <www.ilan.com.br>.

RESENHA

Foi apenas quando estava prestes a perder tudo, que Cresos, rei da Lídia, se deu conta do quanto sua arrogância não lhe havia permitido reconhecer a vasta sabedoria de Sólon, o célebre legislador grego, com quem havia se desentendido anos antes. Foi somente após elaborar os mais intrincados estratagemas para capturar um dos ladrões que havia se apoderado do seu tesouro que o imperador egípcio Ramsés II acabou por se impressionar com a astúcia e ousadia do jovem, chegando a oferecer-lhe a mão de sua filha em casamento. Quanto ao rei Polícrates, era sortudo a tal ponto que um revés do destino lhe permitiu recuperar o anel que havia atirado ao mar. Psamético, rei do Egito, por sua vez, para ser coerente com um experimento que ele mesmo propusera, acabou se vendo obrigado a reconhecer que a língua frígia era mais antiga do que a língua egípcia.

As narrativas recontadas por Ilan Brenman em *Histórias do pai da História* chegaram até nós por intermédio do grego Heródoto, um dos fundadores da disciplina que mais tarde se dedicaria a reconstituir a trajetória dos povos humanos por intermédio da escrita. Segundo Heródoto, os lídios teriam inventado os jogos para se distrair da fome durante um longo período de escassez de alimentos, e os egípcios deixavam os cabelos e a barba crescerem quando estavam de luto pela perda de alguém. Ainda de acordo com o escritor, não havia médicos na Babilônia, e os cidadãos saudáveis compartilhavam seus conhecimentos com os doentes em praça pública. Em meio a suas viagens, o grego notou que os persas não representavam seus deuses, por não acreditarem que

tivessem forma humana; e chamava-lhe atenção a forma peculiar com que os trausos lidavam com o nascimento e a morte: a cada vez que um novo bebê nascia, se reuniam em torno da criança para conversar sobre todos os problemas que o recém-nascido ainda haveria de enfrentar; a morte de alguém, por outro lado, era ocasião de celebração, “já que o morto acabara de se desfazer de todos os problemas do mundo”.

Ao recontar narrativas do grego Heródoto, Ilan Brenman nos permite refletir a respeito de algumas das questões mais fundamentais da História enquanto disciplina, ao nos reportarmos a um momento em que as fronteiras entre fato e mito, entre narrativa e testemunho, não eram claras. Como diz a historiadora Lilia Schwarcz no posfácio da obra: “a própria palavra História já revela que a matéria prima da disciplina é a narrativa (...). Não há como reconstituir dados sem se deixar levar pelas asas da imaginação”. Essas narrativas que nos permitem transgredir os limites do espaço-tempo para fazer o exercício de imaginar o passado nos propõem questões filosóficas que se dirigem ao presente, ao mesmo tempo em que revelam o ponto de vista daquele que conta. Por meio do olhar de Heródoto, é possível perceber a visão de um grego, que viveu por volta do século V antes da era comum, a respeito dos povos com os quais interagiu. Contar a nossa própria história exige dialogar com a história dos outros e com as suas diferentes perspectivas.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Crônica histórica

Palavras-chave: História, lei, guerra, monarquia, política, derrota, vitória, astúcia, sabedoria, costume

Componentes curriculares envolvidos: Língua Portuguesa, História

Competências Gerais da BNCC: 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural

Tema transversal contemporâneo: Diversidade Cultural

Objetivo de Desenvolvimento Sustentável: ODS-16. Paz, justiça e instituições eficazes

Público-alvo: Leitor fluente (6º e 7º anos do Ensino Fundamental)

PROPOSTA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro e estimule-os a traçar relações entre o título e as imagens.

Quem, afinal, os alunos imaginam que poderia ser o “pai da História”? Veja se notam que a palavra História aparece escrita com letra maiúscula. Por que será?

2. Proponha aos alunos que pesquisem a palavra “história” em diferentes dicionários, investigando as diferentes acepções do termo.
3. Leia com a turma o texto da quarta capa. De que maneira ele estabelece relações entre os diferentes modos de compreender o termo “história”? Chame a atenção da turma para a seguinte frase: “Quando voltavam para casa, os viajantes contavam aos outros tudo o que tinham visto — e um pouquinho do que não tinham visto —, e essa era a única forma de saber o que acontecia pelo mundo”. Quais são, em nossos dias, as formas de que dispomos para saber aquilo que acontece mundo afora? Qual é a diferença entre relatar aquilo que se viu e aquilo que não se viu?
4. Chame a atenção da turma para a dedicatória do livro, na página 5.
5. Mostre aos alunos o sumário do livro, na página 7, e veja se notam como os títulos dos capítulos possuem quase todos uma estrutura semelhante, tomando a forma de uma pergunta: Qual é o _____ mais _____ do mundo?
6. Leia com a turma o texto de apresentação na página 8, em que Ilan Brenman discorre a respeito da relação entre história, testemunho e ficção, e nos apresenta a Heródoto, o “pai da História” que viveu na Grécia Antiga e cuja obra serve de matéria-prima para este livro.
7. Comente com a turma que Ilan Brenman, além de escritor, é contador de histórias e costuma dar corpo e voz a suas narrativas. Assista com eles a esse pequeno vídeo em que o autor narra um conto popular que nos faz pensar no poder transformador das palavras, disponível em: <https://mod.lk/k4pzz> (acesso em: jan. 2024).
8. Sugira aos alunos que leiam a biografia do autor, na página 62, ao final do livro. Estimule-os a visitar o *site* de Ilan Brenman, www.ilan.com.br, bem como suas redes sociais.

Durante a leitura

1. Como se trata de um livro de narrativas independentes entre si, resalte que os contos não precisam, necessariamente, ser lidos na ordem em que aparecem no livro. Sugira que os alunos consultem o sumário e leiam os contos de acordo com o interesse deles, começando por aqueles que lhes despertem maior curiosidade.
2. Chame a atenção da turma para o *design* do livro: veja se notam como, a cada novo conto, temos uma ilustração de página dupla acompanhada do título de cada capítulo, e o texto se inicia na

página seguinte, com o início da primeira frase de cada conto em uma fonte de tamanho maior do que o restante do texto.

3. Veja se os alunos notam como, antes do primeiro parágrafo de cada conto, temos um pequeno mapa que ajuda o leitor a situar onde se localizavam os antigos povos que protagonizam as narrativas. Nas páginas 54 e 55, ao final do livro, um mapa de página dupla ajuda o leitor a situar esses territórios uns em relação aos outros. Estimule os alunos a consultarem-no.
4. É importante lembrar que o mundo mudou muito desde os tempos de Heródoto e que os locais mencionados no texto já não possuem o mesmo nome e as mesmas fronteiras que tinham então. Peça aos alunos que prestem atenção aos momentos em que o narrador do texto nos informa sobre a localização atual que corresponde aos locais mencionados no livro – ficamos sabendo, por exemplo, que a antiga Lídia corresponde à atual Turquia. Em seu texto de apresentação, Ilan Brenman comenta que Heródoto, além de narrar acontecimentos, descreve “costumes, rituais, religiões e a geografia de regiões que conheceu ou de que ouviu falar”. Peça aos alunos para ficarem atentos aos costumes de outros povos descritos pelo narrador.
5. Chame a atenção da turma para as vestimentas, instrumentos e artefatos que aparecem nas ilustrações: de que maneira o ilustrador escolheu retratar a diversidade dos povos que figuram nas narrativas deste livro?
6. O livro termina com uma seção bastante diferente dos demais capítulos, intitulada *Caderno de curiosidades de Heródoto*. Aqui, ao invés das observações de Heródoto aparecerem entremeadas a narrativas mais extensas, elas surgem na forma de sete itens, enumerados como *Curiosidade I, II, III, IV, V, VI e VII*. Quais dessas observações lhes parecem mais curiosas e intrigantes?

Depois da leitura

1. Leia com a turma o posfácio escrito pela historiadora Lilia Schwarcz, em que a pesquisadora explica por que a obra de Heródoto foi fundamental para assentar as bases da disciplina que viria a ser chamada de História: “[...] mais do que uma mera compilação de datas e fatos, a História deveria ser uma disciplina orientada por problemas filosóficos e conduzida por questões que se originam não em um passado longínquo, mas no presente”.
2. Em seguida, assista com a turma a um programa Globo Ciência, gravado em 2011 e apresentado por Alexandre Henderson, em homenagem a Heródoto, que desenvolve e aprofunda algumas das questões abordadas por Lilia em seu posfá-

cio e nos ajuda a compreender o que vem a ser, afinal, um fato histórico. É possível encontrar o programa no *link*: <https://mod.lk/cNzrN> (acesso em: jan. 2024).

- Um dos principais personagens da primeira narrativa do livro, *Qual é o homem mais feliz do mundo?*, é o célebre legislador Sólon, conhecido como um dos fundadores da democracia ateniense. Essa pode ser uma boa oportunidade para compreender mais a fundo essa organização política que se tornou uma das referências do sistema democrático e que continua sendo uma das principais formas de organização política do mundo contemporâneo. O seguinte vídeo do canal História Online possui uma introdução bastante didática sobre o tema, disponível em: <https://mod.lk/Th1k7>. Para aprofundar os conhecimentos, vale ainda visitar a página do *site* da revista *Nova Escola*, que possui um plano de aula bastante detalhado sobre o tema, e que pode servir de inspiração para trabalhar o assunto com os alunos, disponível em: <https://mod.lk/QxOb2> (acessos em: jan. 2024).
- Esse também pode ser um bom momento para que os alunos se aprofundem nos conhecimentos a respeito da história do Egito antigo, uma das civilizações mais sofisticadas e enigmáticas da Antiguidade, e compreendam por que, afinal de contas, o faraó detinha tanto poder e era considerado um verdadeiro deus, capaz de decidir sobre a vida e morte dos seus súditos. Assista com os alunos a esse documentário a respeito de Ramsés II, um dos maiores faraós do Egito, disponível em: <https://mod.lk/Z2M5q> (acesso em: jan. 2024). Em seguida, se possível, convide um professor de História para dar uma aula para a turma a respeito do tema e tirar as dúvidas que os alunos possam ter.
- Na primeira narrativa do livro, Ciro, um dos grandes imperadores persas, figura como personagem. Para conhecer mais de perto a memorável trajetória do Império Persa, que hoje corresponde ao território do Irã, assista com os alunos ao documentário *Os persas*, do History Channel, disponível em: <https://mod.lk/QKFuf> (acesso em: jan. 2024). Enquanto boa parte das construções edificadas por Impérios foi erigida por trabalho escravo, os persas se destacavam por sempre remunerar seus trabalhadores, assim como pela tolerância religiosa – os persas respeitavam as crenças dos povos que conquistavam. Foi Ciro que erigiu a cidade de Pasárgada, mencionada em um dos mais conhecidos poemas de Manuel Bandeira, *Vou-me embora para Pasárgada*. Leia para os alunos esse poema e veja se notam como o poeta evoca a antiga cidade para sonhar com um lugar imaginário que lhe permitisse realizar seus desejos e escapar das frustrações e infelicidades do tempo presente.

- Embora no Ocidente a tradição histórica tenha sido muito associada à história da escrita, a transmissão oral também desempenhou um papel fundamental para recontar e compartilhar a trajetória dos diferentes povos. Um dos exemplos é certamente a tradição dos *griots*, historiadores, contadores de histórias tradicionais, músicos e poetas que surgiram no império Mali. No documentário *Sotigui Kouyaté, Um griot no Brasil*, temos o privilégio de escutar as palavras sensíveis e sábias de Soutigui Kouyaté, mestre *griot*. Ele nos ajuda a compreender melhor a história, o papel fundamental desempenhado pelos *griots* e nos coloca questões para repensar os nossos tempos. Disponível em: <https://mod.lk/xirj5> (acesso em: jan. 2024). Como se trata de um documentário longo, que contém também entrevistas com atores e educadores brasileiros que participaram da oficina oferecida com o mestre, vale a pena selecionar algumas passagens para assistir com a turma.
- De que ponto de vista a história costuma ser contada? Durante muito tempo, no Brasil, a história foi contada predominantemente do ponto de vista dos homens brancos, e vozes negras e indígenas eram quase sempre silenciadas. Estimule os alunos a escutarem o ótimo *podcast* História Preta, apresentado por Thiago André, que busca trazer à tona a memória da população negra no Brasil e fora dele. Sugerimos o episódio 20 de novembro, que conta a história do Quilombo de Palmares, o maior território autônomo de resistência de pessoas de descendência africana nas Américas. No episódio também é discutido a importância da figura histórica de Zumbi para o movimento negro brasileiro no século XX. Disponível em: <https://mod.lk/XHflc> (acesso em: jan. 2024).

LEIA MAIS...

DO MESMO AUTOR E SÉRIE

- Aprendendo com o aprendiz e outras histórias de mestres e alunos*. São Paulo: Moderna.
- A amizade eterna e outras vozes da África*. São Paulo: Moderna.
- As narrativas preferidas de um contador de histórias*. São Paulo: Moderna.
- O Senhor do Bom Nome e outros contos judaicos*. São Paulo: Moderna.
- Silêncio*: doze histórias universais sobre a morte. São Paulo: Moderna.
- Viagem ao redor do mundo em 37 histórias*. São Paulo: Moderna.

DO MESMO GÊNERO

- *Histórias da preta*, de Eloisa Pires Lima. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Contos e Lendas Afro-brasileiros: a criação do mundo*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letras.
- *Poranduba: roda de histórias indígenas*, de Rute Casoy. Rio de Janeiro: NAU Editora.
- *Contos e Lendas dos heróis da Grécia antiga*, de Christian Grenier. São Paulo: Companhia das Letras.
- *Contos e Lendas de cidades e mundos desaparecidos*, de Anne Jonas. São Paulo: Companhia das Letras.
- *Contos e Lendas do Egito Antigo*, de Brigitte Évano. São Paulo: Companhia das Letras.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!